

JUVENTUDES E POLÍTICA: UMA ANÁLISE DAS FORMAS E MODALIDADES DE PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS UNIVERSITÁRIOS DA GRANDE RECIFE

Sidney Santos Oliveira²²

RESUMO

O presente artigo traz os resultados de uma pesquisa realizada com jovens estudantes universitários de seis instituições de ensino superior, públicas e privadas, localizadas na região metropolitana da cidade do Recife/PE. Através da análise de entrevistas semiestruturadas, foi possível realizar um mapeamento dos espaços e formas de participação política dos estudantes. Com isso, identificou-se quais os espaços utilizados pelos jovens universitários e as suas formas de participação política.

Palavras-chave: Juventudes; Política; Participação; Universidade.

22 Mestrado em Ciências Sociais pelo Programa de pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGCS - UFRN). Atualmente é Doutorando em Ciências Sociais pelo mesmo programa de pós-graduação (PPGCS - UFRN). E-mail: sidneyoliveira210@gmail.com

YOUTH AND POLITICS: AN ANALYSIS OF THE WAYS AND MODALITIES OF PARTICIPATION OF THE YOUNG PEOPLE OF THE GRANDE RECIFE

ABSTRACT

This article presents the results of a research carried out with young university students from six public and private higher education institutions located in the metropolitan area of the city of Recife / PE. Through the analysis of semi-structured interviews, it was possible to map the spaces and forms of political participation of the students. With this, it was identified the spaces used by university students and their forms of political participation.

Keywords: Youth; Policy; Participation; University.

Introdução

A participação política das juventudes tem se constituído como um importante objeto de investigação teórica e empírica no campo das ciências sociais. No Brasil, em especial, desde 2013, alguns acontecimentos de ordem social e política, fizeram com que essa questão passasse a ser discutida com certa frequência nas esferas acadêmicas, nos meios de comunicação, afetando e reavivando certos imaginários sociais construídos em torno da ideia de juventudes. As manifestações de junho de 2013, os protestos contra a realização da copa das confederações, nesse mesmo ano, e a copa do mundo de futebol realizada em 2014, foram manifestações sociais que contribuíram para que a temática da participação política das juventudes se fizesse presente nessas discussões.

Buscando delimitar um campo de estudo concreto e plural para a realização deste estudo, escolhemos a Universidade como campo e, conseqüentemente, as juventudes universitárias como atores políticos para essa investigação. Selecionamos as instituições de ensino superior por compreender a importância desses espaços na vida política das juventudes. Assim, concordo com Lipset (1968) ao compreender que as universidades favorecem a atividade política, pois funcionam como focos de ideologia, agitação e demonstração. Nelas estão presentes tanto os órgãos de representação do movimento estudantil, os sindicatos, as entidades de classe, espaços convencionais de participação, quanto os grupos alternativos de arte, cultura, música, meio ambiente, os movimentos de identidades, movimentos anarquistas, movimento étnico, dentre outros.

Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa que deu subsídio ao presente texto foi: identificar quais os espaços e as formas de participação política dos jovens universitários da Grande Recife/PE. Como objetivos específicos, elegeu-se: a) verificar quais os espaços presentes nas instituições de ensino superior que possibilitam a participação política dos jovens estudantes; b) compreender a relação dos jovens com esses espaços; c) identificar quais as modalidades e repertórios de participação escolhidas pelas juventudes. Para conseguir alcançar tais objetivos, inicialmente, foi realizada uma revisão da literatura que tem se debruçado sobre temáticas como juventudes, política, participação política juvenil, participação política convencional, participação política não convencional. Após isso, construímos um quadro teórico capaz de dialogar com os resultados obtidos com a pesquisa empírica, possibilitando, assim, um movimento de análise sociológica dos dados obtidos.

No que se refere à coleta de dados, optou-se por realizar entrevistas semiestruturadas em profundidade. A escolha dessa técnica se justifica pelo fato da entrevista qualitativa possibilitar explorar as opiniões, os detalhes, as representações particulares de cada entrevistado sobre o assunto em questão. No caso deste estudo, as formas de participação

política utilizadas pelas juventudes universitárias da Grande Recife. Foram entrevistados jovens estudantes das seguintes instituições de ensino: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Universidade de Pernambuco (UPE); Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP); Faculdade Boa Viagem (FBV); Faculdade Estácio do Recife (FIR) e Faculdade Maurício de Nassau (NASSAU). Todos os campi dessas instituições estão localizados na Região Metropolitana da Cidade do Recife, também chamada de Grande Recife. Como requisitos para participação no estudo, estabelecemos que o jovem estivesse devidamente matriculado em um dos cursos presenciais oferecidos por uma das seis instituições de ensino superior, tanto as públicas quanto as privadas. Além disso, os jovens precisavam se encaixar no recorte etário dos 15 aos 29 anos, utilizado pelo Estatuto da Juventude (2013).

1. Juventudes, Política e Universidades

O processo de construção de identidade juvenil também se dá a partir das relações constituídas entre os sujeitos jovens e as instituições sociais presentes na sociedade moderna. Assim, a família, a escola, a igreja, os grupos e coletivos de jovens, a universidade, são espaços que possuem inferência no processo de construção dos projetos de vida das juventudes. No caso da relação entre os jovens e as universidades, é importante destacar que esse processo de construção de sentidos também se constitui como algo múltiplo, mutável e diverso, na medida em que para cada jovem estudante, a universidade, seus espaços, grupos e atores políticos, possuem um significado e representação particular.

Pensando a partir dessa multiplicidade de sentidos Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (1968), analisam a relação dos jovens estudantes franceses com a universidade, e passam a questionar as concepções de rebeldia revolucionária, engajamento e militância dos estudantes

franceses, representações sociais que alimentavam o mito da “ideologia estudantil” ou “ideologia universitária” exponenciarem práticas políticas entre os jovens universitários franceses.

A partir da distinção entre Ideologia e Prática estudantil, Bourdieu e Passeron contestaram a ideia de unidade de classe entre os estudantes, afirmando que, o que existe na realidade, é a capacidade de constituições de grupos e coletivos juvenis em torno de um projeto que é construído e compartilhado não pela totalidade dos jovens estudantes, mas por frações de estudantes, grupos que conseguem se agregar em torno de pautas e lutas comuns a vida juvenil. Ainda segundo os autores, esse movimento de agregação juvenil é mediado pelas relações de tempo e espaço no mundo estudantil, construindo assim, sentidos, vivências e sociabilidades entre os sujeitos jovens dentro das universidades.

Bourdieu e Passeron (1968) também se dispuseram a destacar que a relação entre as juventudes e a política nas universidades não são necessariamente construídas e direcionadas a uma prática política das juventudes. Isto porque, “não é o espaço, mas o uso do espaço, regulado e ritmado no tempo, que dá a um grupo um quadro de integração” (BOURDIEU; PASSERON, 1968, p. 64). Assim, as contribuições dos autores nos ajudam a pensar sobre a multiplicidade de sentidos construídos na relação entre as juventudes e a política nas universidades.

Em *Alternativas para as Atividades Estudantis* (1968), Seymour Martin Lipset analisa como se dá o processo de vivência e sociabilidade dos estudantes dentro da universidade. Lipset demonstra algumas questões que potencializam a atividade política das juventudes, a localização da instituição, a forma de ocupação dos cargos administrativos dos quadros da administração universitária, se são realizados através de eleições ou indicações, a forma de divisão e organização dos centros e departamentos no campus, os cursos ofertados pelas instituições de ensino, o tempo de permanência dos alunos nas dependências das universidades.

Segundo Lipset (1968), quanto maior o tempo em que o jovem passa na universidade, maior é a probabilidade de ocorrência da atividade política, pois tende-se a desenvolver mais redes de amizade e interação social entre os jovens estudantes. Quanto a questão da estadia, Lipset (1968) disserta que os graus de participação política dos estudantes estão ligados ao fato destes morarem com os pais e/ou familiares, ou residirem em repúblicas e casas de estudantes. Onde no segundo caso, segundo o autor, o envolvimento político se torna mais propenso, devido a uma maior convivência entre os estudantes, vivências que vão além das salas de aula. Uma forma de minimizar a saudade e solidão dos familiares, constituindo assim, novos núcleos de amizade.

No caso do Brasil, a fundação e consolidação da União Nacional dos Estudantes (UNE), em 1937, possibilitou uma organização política das juventudes até o momento inexistente no país. Foi através da consolidação da UNE que o movimento estudantil começou a ganhar corpo no país, tendo nessa organização a centralização necessária para as lutas políticas juvenis, bem como a luta pela valorização do estudante brasileiro.

Já em 1937 a UNE realizou seu primeiro Congresso, conseguindo através de muito esforço e mobilização reunir jovens delegados de várias universidades brasileiras na escola de belas artes, no Rio de Janeiro. A partir daquela primeira reunião consolidava-se aquela que viria a se tornar a maior entidade de organização, mobilização e luta do movimento estudantil brasileiro.

Até os dias atuais, a UNE assume o papel de maior órgão de representação estudantil, completando nesse ano de 2018, 81 anos de existência da organização. O movimento estudantil organizado, seja nas esferas secundaristas ou universitárias, ainda é o movimento social mais influente e organizativo das juventudes no país, possibilitando sobretudo aos jovens que passam a ocupar as vagas de cursos de graduação, vivências e experiências políticas dentro das universidades brasileiras. Como bem destacou Maria Alice Foracchi ao falar sobre a abertura de leques e

possibilidades de vivências propiciadas pelos movimentos estudantis nas universidades brasileiras:

Abrem-se horizontes de participação que são novos pelas oportunidades que o jovem encontra de conviver com outros que compartilham dos seus problemas, envolvendo-se, na busca comum das alternativas desejadas, criando compromissos semelhantes com a condição que, no momento, define as suas vidas e que é a condição de jovem. (FORACCHI, 1972, 74-75)

No Brasil, é a disputa pelos quadros de gerência e gestão da UNE que movimentam as práticas políticas de uma considerável quantidade de jovens que constroem o movimento estudantil. E, todas as outras entidades de representação estudantil, sejam estaduais, municipais, de universidades públicas e particulares, como os diretórios acadêmicos e Centrais de estudantes, estão de alguma forma atreladas a UNE.

Contudo, assim como discutido por Bourdieu e Passeron, não podemos falar de uma unidade de classe, pensar que todos os estudantes estão engajados e discutindo política dentro das universidades, isto porque, para parte considerável dos estudantes brasileiros, a UNE pouco ou nada representa. As falas dos entrevistados que serão apresentadas na próxima seção demonstram algumas questões referentes a essa problemática.

2. A participação política universitária no Grande Recife

Os órgãos e entidades de representação estudantil também se constituem como espaços convencionais de participação política. É importante destacar que

a expressiva participação juvenil no movimento estudantil em diversos momentos da nossa história, resultou em uma representação desta forma e lugar de atuação política como o principal espaço político da juventude (SILVA FILHO; COSTA, 2016, p.81).

A história da participação política dos jovens brasileiros, por vezes, se confunde com a história da atuação política dos movimentos e entidades de representação estudantil, de forma que “o movimento estudantil se tornou o barômetro da vida política do país” (POERNER, 2004, p.47). Partes consideráveis das históricas participações políticas das juventudes foram concretizadas nos convencionais espaços de atuação dos movimentos estudantis, os diretórios acadêmicos, os diretórios centrais, as organizações estaduais e nacionais de representação dos estudantes.

Neste tópico, apresentamos as análises das falas dos entrevistados quando indagados sobre aspectos como atuação, participação, e vontade de atuação em algum espaço ligado às entidades e movimentos estudantis. A partir das respostas dos estudantes, buscou-se compreender a relação dos mesmos com os órgãos de representação estudantil. Dentre as questões que chamaram atenção, primeiramente, destacamos o fato de poucos entrevistados afirmarem participar de algum grupo ou espaço ligado ao movimento estudantil. A baixa participação em grupos e/ou movimentos dentro das Universidades e Faculdades também se colocou como uma questão presente nas falas de grande parte dos entrevistados.

No entanto, ao serem questionados sobre o porquê da não participação, vários pontos interessantes foram expostos, possibilitando assim a compreensão de alguns problemas que para eles se constituem como alguns “entraves” que dificultam uma efetiva participação de grande parte dos entrevistados nos movimentos estudantis. Além disso, explicitamos que os diretórios acadêmicos e os diretórios Centrais foram alvos

de críticas, de modo que grande parte dos depoimentos alerta para a falta de interlocução desses espaços com os estudantes que não estão engajados nos movimentos. Esta problemática é exposta na fala de Eduarda, 22 anos, aluna do curso de Engenharia Civil da Universidade de Pernambuco.

Eu acho que aqui na faculdade a gente é limitado, não diria limitado, mas a participação política da gente é quase nula. Quando chega perto das eleições, botam duas bancas aqui na frente para as únicas duas chapas que existem. A gente não sabe nada sobre elas, talvez uma delas entre nas salas para falar “vote em mim, essa é minha chapa e minha proposta”, mas a gente não vê nada acontecendo durante esse período. A gente só vê as chapas na época das eleições, e, sinceramente, eu nem conheço as propostas deles.

Esse problema também foi levantado por Catarine, 21 anos, aluna do curso de Administração na UPE.

Aqui na UPE, as entidades que tem não são tão fortes. Nos primeiros períodos, a gente não conhecia nada direito e não tinha interesse. Depois que mudou a gestão, o DA está cada vez mais distante dos estudantes. O DCE também não convida os alunos que estão entrando na UPE para participar, aí também junta com a falta de interesse de algumas pessoas, que é o meu caso (risos), e até hoje em dia assim como eu, muita gente não sabe direito como funciona o DCE, e nem nada daqui.

Segundo estas duas estudantes, de dois cursos distintos da Universidade de Pernambuco, os órgãos de representação estudantil dos

cursos de Engenharia Civil e Administração da UPE não têm conseguido estabelecer um diálogo com os estudantes que não estão engajados no movimento estudantil. No entanto, é importante destacar que as próprias estudantes afirmam não ocupar os espaços de representação estudantil nas instituições, e que participam da vida política na Universidade esporadicamente, quando acontecem as atividades para a eleição das chapas que serão responsáveis pelas gestões dos diretórios acadêmicos e do diretório central.

Críticas referentes à falta de interlocução entre os estudantes e os órgãos de representação estudantil também se fizeram presente no relato de Denilson, 23 anos, aluno do curso de Ciências Contábeis na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). No caso de Denilson, ele disse ter sido convidado por outro jovem que já fazia parte do diretório acadêmico, no entanto, o estudante não se engajou ao movimento, e durante seu relato justificou os motivos que o levaram a não se envolver com o órgão.

Não entrei porque eu também era um dos que criticavam o DA, porque para mim, só servia para fazer campeonato de futebol, não havia representatividade junto ao corpo discente e aos coordenadores da universidade. Era um grupo que normalmente aparecia em época de eleição, mas diariamente eram poucos os informativos importantes que eles nos passavam. Durante toda a minha faculdade, todo esse período na faculdade, isso não mudou. Em contatos com outros cursos dentro do CCSA – Centro de ciências sociais aplicadas da UFPE –, administração e economia não mudavam muito. Os DA's eram pessoas que entravam, faziam um certo papel político jovem entre os estudantes, mas que não tinham uma razão efetiva de existir, a gente não entendia o porque que eles estavam

agindo. O movimento estudantil aqui no CCSA não funciona, acho que todos os cursos não tem um DA eficiente.

Como se pode perceber, Denilson faz duras críticas ao funcionamento do diretório acadêmico do curso de ciências contábeis da UFPE. No entanto, no fim de sua fala, mais especificamente nas últimas três linhas, o estudante faz uma afirmação um tanto quanto generalizante ao proferir a seguinte frase: “O movimento estudantil aqui no CCSA não funciona, acho que todos os cursos não têm um DA eficiente”.

Levantamos dados para discutir essa última afirmação tão contundente do estudante. Em uma pesquisa no site oficial do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da UFPE, descobrimos que o referido Centro é responsável por formar os alunos dos cursos de Ciências Contábeis, Administração, Ciências Atuariais, Ciências Econômicas, Hotelaria, Secretariado, Serviço social e Turismo. Ainda segundo os dados disponibilizados pelo site oficial da instituição, atualmente o CCSA é formado por um corpo docente de 135 professores e 4 mil alunos.

A partir desses dados, percebemos que dos oito cursos de graduação que formam o CCSA, Denilson teve contato com estudantes de apenas dois cursos. E desses dois estudantes, apenas um atua no diretório acadêmico. Além disso, ao afirmar que “o movimento estudantil aqui no CCSA não funciona, acho que todos os cursos não têm um DA eficiente”, Denilson não leva em consideração sua limitação de acesso às atividades desenvolvidas durante todo o dia no Centro, sobretudo pelo fato do mesmo trabalhar em uma empresa privada localizada na região do Cabo de Santo Agostinho, de segunda a sexta-feira, durante os horários matutino e vespertino. Ou seja, o estudante não vivencia o Centro nos horários da manhã e da tarde, período no qual acontecem as atividades acadêmicas de outros cursos que formam o Centro de Ciências Sociais aplicadas da UFPE.

Outro ponto que pode ser discutido a partir da fala de Denilson é a divisão das universidades em Centros. Esse tipo de divisão produz resultados positivos, uma vez que através dessa divisão é possível aproximar os cursos pertencentes à mesma área de conhecimento, geralmente divididas como exatas, humanas, tecnológicas e saúde. Ao fazer esse agrupamento, os departamentos passam a funcionar em setores e espaços físicos comuns da instituição superior.

Com isso, potencializa-se o desenvolvimento de atividades conjuntas de pesquisa, ensino e extensão, possibilitando, assim, uma maior aproximação de alunos e professores de diferentes cursos. Entretanto, essa divisão também pode produzir a limitação de experiências dos jovens estudantes com outros espaços das universidades e faculdades, uma vez que, pelo fato de muitas das atividades serem desenvolvidas única e exclusivamente naquele determinado espaço, muitos estudantes terminam por não ocupar outros importantes espaços das instituições.

No caso da experiência de Denilson, grande parte das referências sobre as atuações políticas dos movimentos estudantis na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) é construída a partir de sua vivência no CCSA. Ou seja, os Centros acadêmicos podem funcionar como bolhas, em que muitos jovens constroem suas referências sobre educação, segurança, alimentação, política, cultura, arte, meio ambiente, única e exclusivamente a partir da sua vivência naquele determinado espaço. Além disso, é importante salientar que a construção do significado do espaço na vida do indivíduo se dá a partir das relações socioculturais estabelecidas com o ambiente físico. São essas relações socioculturais que por vezes estabelecem vínculos afetivos do indivíduo com o espaço.

Segundo Tuan (1980), a diferença de significados do homem com o ambiente físico se dá pelo fato do homem poder desenvolver uma relação de topofilia com o ambiente. Topofilia consiste em uma representação de um determinado ambiente, construída através de significados, valores e, sobretudo, um importante sentimento afetivo que faz com que o

ambiente seja reconhecido de forma subjetiva e interpessoal, de maneira que o indivíduo se perceba como parte integrante daquele espaço.

Essa relação de topofilia é percebida a partir da análise da fala de Cassandra, 24 anos, estudante do curso de Cinema e Audiovisual da UFPE. Cassandra estuda no Centro de Artes e Comunicação (CAC) e atualmente está cursando o 6º período. Quando perguntada se a mesma atuava em alguma entidade ou movimento estudantil, a estudante respondeu da seguinte maneira:

Eu sou do diretório acadêmico do Curso de Cinema e Audiovisual aqui da UFPE, e estou nele a mais o menos.. deixa eu ver.. acho que sete meses. O diretório acadêmico do curso de Cinema e Audiovisual é bastante atuante. Toda semana acontece uma reunião aberta com os estudantes aqui no salão, inclusive vem muitos estudantes de jornalismo e outro cursos da área de comunicação não só aqui da Federal, como também da Católica e outras faculdades particulares. O DA da gente também é bem atuante politicamente, a gente está sempre atuando aqui pela Federal, fazendo algumas performances ou até mesmo protestos sobre temas ligados a política. Eu acho que aqui é bem assim, a galera engajada, porque o CAC permite que a gente faça essas coisas, sabe? E isso independe de curso, tem a galera de artes, de cinema, jornalismo, sociologia, filosofia. O CAC é amor, a qualquer momento que você chegar aqui vai estar rolando um filme, um debate, uma palestra, uma performance, vai ter alguma apresentação cultural, alguém tocando um violão, tem a galera que vende as artes, aqui tem de tudo. A gente costuma falar que o CAC não dorme, diferente dos outros Centros, aqui tem gente 24 horas por dia.

A relação estabelecida por Cassandra com o Centro de Artes e Comunicação é produto de uma construção social, política e cultural da estudante com o espaço físico, de modo que o desenvolvimento de sentimentos de pertencimento com o Centro também produz as ações políticas práticas da estudante naquele determinado espaço. Segundo Gohn (2013), essa relação de apego e resgate do sentido dos espaços públicos é uma das características dos movimentos sociais contemporâneos, em que a valorização dos espaços e ambientes é orientada por questões de ordem social, cultural e política.

O problema da falta de representatividade dos diretórios acadêmicos também foi observado pelos jovens estudantes das instituições privadas, a saber: Faculdade Boa Viagem, Faculdade Pernambucana de Saúde, Faculdade Estácio do Recife, Faculdade Maurício de Nassau. Vários jovens estudantes dessas instituições alertaram para a não existência, ou quando existentes, para o número reduzido de espaços, nos quais seja possível a atuação política dos estudantes. Além disso, muitas das falas que relataram esse problema tomaram algumas instituições públicas como exemplos de instituições acadêmicas que possuem uma maior variedade de espaços, grupos e/ou coletivos jovens que possibilitem a atuação dos estudantes. Segundo Pedro, 19 anos, aluno do curso de Direito da Faculdade Boa Viagem:

Eu não participo, mas tenho vontade de participar em alguns movimentos estudantis. Na faculdade Boa viagem infelizmente não tem grandes movimentos estudantis onde você possa entrar e participar. Eu mesmo não conheço nenhum DA ou DCE. E até agora não foi chegado ao meu ouvido nenhum desses. A universidade Federal, por exemplo, você vê eles bastante dispostos por terem espaços, eles pegam ideias políticas e você vai naquela que mais lhe couber ou mais lhe interessar. Aqui na faculdade Boa Viagem você também fica muito restrito,

a gente não se articula e eu também acho que um movimento estudantil em uma faculdade menor, que só está aí para formar a galera pro mercado, não sei se também seria uma coisa que a faculdade olhasse com bons olhos.

Com observações semelhantes a Pedro, Diego, 20 anos, aluno do curso de Administração na Faculdade Boa Viagem relatou o seguinte:

Eu acredito que não há um espaço tão amplo, há um espaço mais na área de Marketing, mais espaço para área do pessoal que é mais ligada a política e economia. Mas, não é um espaço tão amplo, a gente tem mais aulas mesmo, muito difícil ter uma atividade assim, de política, da galera participar, protestar, eu acho que é uma coisa meio parada, não é tão agitada quanto a Universidade.. sei lá.. eu acho que a Federal, a UPE, que são universidades que são mais abertas para isso.

Ana, 23 anos, aluna do curso de Engenharia de Produção, se baseia em uma experiência de estudo em uma universidade pública federal, antes de se transferir para a Faculdade Boa Viagem.

Bem, eu vim transferida de outra Universidade, a Universidade Federal do Vale do São Francisco. Lá a gente tinha DCE, os alunos podiam participar das reuniões do colegiado e votarem, ter poder de voto. Aqui, até o momento, eu não vi nenhum espaço relacionado a isso, eu não tomei conhecimento de grupos estudantis, nem de nenhuma representação dos estudantes que influenciem em alguma coisa dentro da faculdade.

A falta de espaços que permitam a atuação política dos estudantes também foi exposta pelos estudantes da Faculdade Estácio do Recife. Assim como as falas anteriores, as falas dos entrevistados versam sobre a existência de poucos espaços que possibilitam a participação política estudantil. Tal como observado nas falas anteriores, grande parte dos entrevistados fazem comparações entre a Faculdade Estácio do Recife e algumas universidades públicas de Recife. No entanto, o jovem Kelvin de 21 anos de idade, aluno do curso de Direito da Faculdade Estácio do Recife também fez referência a Universidade Católica de Pernambuco, uma instituição particular, mas que, segundo o estudante, possui espaços que possibilitam atuações políticas estudantis.

Sinto muito lhe informar, mas aqui na Estácio não existe movimento estudantil, pelo que eu sei cada turma tem um representante, e esse representante fica responsável por passar os informes da turma para o coordenador do curso. Agora assim, é algo ruim para nós estudantes né, porque eu tenho certeza que se eu estudasse em uma universidade federal ou então na Católica que tem opções e movimentos, eu acho que estaria muito engajado em algum movimento estudantil.

Ou seja, ao mesmo tempo em que Kelvin alerta para o fato de não existir espaços que possibilitem a atuação política dos estudantes, ele demonstra um desejo em participar. A representação por meio de um representante de turma também é citada na fala de Jacimara, 25 anos, aluna do curso de Farmácia da Faculdade Estácio do Recife.

Eu não sei o que é DCE. Eu sei que tem representante de turma, a representante da minha turma é muito responsável e sempre fica indo na coordenação do curso para nos passar os informes. Ela é também bastante, como posso dizer... prestativa. Sempre

que têm os eventos de Farmácia, ela posta no nosso grupo da turma no Facebook. Ontem mesmo ela postou um evento que vai ter na faculdade Federal.

Após perceber tantos depoimentos dos estudantes com relação à falta de existência de do Diretório Central dos estudantes (DCE) ou alguma outra entidade estudantil de representação coletiva dentro da faculdade, realizamos uma pesquisa no site oficial da instituição. Encontramos um *Hiperlink* que dá acesso à página do DCE da Estácio do Recife. A página do Diretório Central dos estudantes traz informações a respeito das atividades desenvolvidas pela organização, muitas delas sendo palestras, divulgação de eventos e confecções de carteiras de estudante junto a União Nacional dos Estudantes (UNE). No rodapé da página virtual, existe uma informação de título “Caso a porta esteja fechada..”²³. Nessa informação, consta o seguinte depoimento da atual gestão: “Infelizmente somos apenas 8 integrantes para resolver os problemas de mais de 5 mil estudantes da Faculdade Estácio do Recife (FIR)”²⁴.

A inexistência de um movimento estudantil atuante também foi exposta por Felipe, 25 anos, aluno do curso de Relações públicas da Faculdade Maurício de Nassau.

A faculdade Maurício de Nassau não tem um movimento estudantil forte, porque na verdade ela parece mais um colégio particular, essa é a verdade. Eu acho muito interessante a faculdade ofertar um leque considerável de cursos e vagas, mas também acho que são muitos alunos que se concentram nos

23 Informação encontrada em uma notícia cadastrada na página virtual do DCE da Faculdade Estácio do Recife. Atualmente, a página se encontra fora do ar. Essas observações foram coletadas no site da agremiação no mês de Setembro do ano de 2016, período em que foram realizadas as entrevistas.

24 Idem.

pólos. Só quem estuda aqui sabe o que eu estou falando. São muitos alunos nas salas de aula. A faculdade ao mesmo tempo que consegue absorver uma boa quantidade de estudantes, também não oferece uma estrutura que possa dar a possibilidade dos estudantes se envolverem no movimento estudantil. Tá vendo esse corredor, né? É assim quase que o dia todo. Só diminui o fluxo na parte da noite. Eu acho que se a faculdade desse uma maior estrutura aos estudantes, a Nassau teria um movimento estudantil muito grande e atuante por conta da quantidade de alunos que ela tem.

A lamentação pela não existência de movimentos estudantis atuantes em suas instituições de ensino se coloca como um dado relevante, obtido com a realização deste estudo. No entanto, nos chama a atenção a fala de Clara, 22 anos, aluna do curso de psicologia na Faculdade Maurício de Nassau, pelo fato da jovem estudante demonstrar certo alívio ao afirmar que sua faculdade não possui um movimento estudantil atuante.

Eu não participo do movimento estudantil. E também não tenho desejo de participar. Ainda bem que aqui na Nassau não tem essas coisas. Você vê muitos estudantes sem se dedicar a faculdade, sem querer estudar, fica indo pra faculdade só pra fazer tumulto e protesto, atrapalhando quem realmente quer utilizar aquele espaço para estudar.

Analisando a fala de Carla, percebe-se uma negação da política por parte da estudante. Essa negação da política, e mais especificamente da participação dos movimentos sociais, é reflexo de um intenso processo de criminalização dessas organizações. Além disso, destaca-se que as duras críticas ao movimento estudantil não se limitam a criminalizar apenas o

movimento estudantil da Faculdade Maurício de Nassau, onde segundo a entrevistada não existe, mas aos movimentos estudantis em geral.

Apresentando outra visão sobre os movimentos estudantis. Marine, 26 anos, aluna do curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, afirma fazer parte da atual gestão do DCE UNICAP Dom Hélder Câmara, um dos movimentos estudantis mais fortes e representativos na cidade do Recife. Quando indagada sobre sua participação no movimento estudantil a estudante respondeu da seguinte maneira:

O movimento estudantil é um espaço muito importante para os jovens atuarem politicamente. É um espaço forte, um espaço que luta pelos direitos dos estudantes. Desde que entrei aqui na UNICAP, tive contato com o movimento estudantil, porque eu acredito que ele seja bastante atuante, assim como os movimentos estudantis da UFPE e da UFRPE. Termina que a galera se conhece por inteira, e a gente sempre está dando aquele apoio para os estudantes das outras instituições. Eu não me vejo longe do movimento estudantil daqui a uns anos, inclusive, cada vez mais tomo ele como um espaço importante na minha formação pessoal e intelectual.

Pelo fato de Marine vivenciar e construir cotidianamente o movimento estudantil da Universidade Católica de Pernambuco, buscou-se colher mais informações sobre a atuação do movimento dentro e fora da Universidade. Além disso, a estudante foi indagada sobre a existência de outros espaços para além dos diretórios acadêmicos e do diretório Central, que possibilitam a atuação política dos estudantes. Marine respondeu a essas indagações com o seguinte depoimento:

Existem vários espaços aqui na UNICAP, o movimento estudantil é apenas um deles. Eu acredito que os jovens têm se movimentado, muitos grupos

de estudos aqui da Universidade que trabalham com temáticas sociais tem feito com que os jovens se interessem mais pela política. Também tem espaços relacionados às políticas públicas para a cultura, projetos da UNICAP que buscam diminuir a desigualdade social, inserindo a sociedade e a comunidade do entorno nas mudanças sociais. Também existe o movimento de juventude pelo feminismo, o movimento de juventude pela igualdade racial, então existem vários espaços que os jovens podem se movimentar. Eu acho que o que só não vale é ficar parado.

Ou seja, para além dos espaços convencionais de atuação política dos estudantes, os diretórios acadêmicos e o diretório Central de estudantes, os jovens estudantes da UNICAP também são contemplados com grupos de estudos, projetos de assistência social as comunidades carentes localizadas no entorno da instituição, grupos de juventudes que lutam pelas causas feministas e também pelas causas do movimento de igualdade racial. Tais agrupamentos possibilitam a ampliação das práticas políticas juvenis, potencializando outras formas de participação política das juventudes.

Considerações Finais

A partir da análise dos relatos dos jovens entrevistados, foram organizadas de algumas questões relevantes que foram destacadas pelos universitários. Em primeiro lugar, destacamos a baixa atuação dos entrevistados nos partidos políticos, sindicatos ou entidades de classes. Seguida dessa baixa atuação, também chama atenção a associação dos partidos políticos com problema da corrupção. O processo de crise

de representatividade política das instituições políticas convencionais, observada por alguns pesquisadores (LAVALLE, 2011; MELUCCI, 2001; PUTNAM, 1996; BAQUERO, 2003; CARVALHO, 2011), parece ter influência sobre a credibilidade dessas instituições, perante os jovens universitários que participaram deste estudo.

Não obstante, a baixa participação em movimentos e entidades estudantis também tem associação com o processo de crise de representatividade política que atinge os espaços convencionais de participação política estudantil, os diretórios acadêmicos e os diretórios centrais de estudantes. A falta de conhecimento sobre as atividades realizadas por essas organizações, a limitação de espaços para a atuação dos jovens estudantes em algumas Universidades/faculdades, assim como a não existência de órgãos de representação estudantil em algumas instituições podem, de certa forma, explicar os baixos níveis de participação dos entrevistados. Contudo, fica o alerta sobre o pouco conhecimento em relação ao funcionamento dessas organizações, responsáveis pela representação dos estudantes perante as instâncias acadêmicas.

A baixa participação política das juventudes entrevistadas também foi percebida nos espaços do movimento estudantil. Assim, fica um alerta para as críticas feitas pelos estudantes às organizações do movimento estudantil universitário, sendo denunciados pelos entrevistados problemas referentes às dificuldades de interlocução desses convencionais espaços de participação política com as juventudes que não estão engajadas no movimento estudantil.

Por fim, destacamos o processo de aparelhamento do movimento estudantil realizado por alguns partidos políticos. Tal movimento, como já mencionado em parágrafos anteriores, pode normatizar as atuações das juventudes, uma vez que as lutas, necessidades e demandas do indivíduo como estudante universitário pode ser colocada em segundo plano, sendo priorizadas as pautas partidárias. Esse movimento também pode ser explicado pelo fato de, em muitos casos, não existir uma lacuna

entre as pautas do movimento estudantil e das juventudes dos partidos políticos. Diante disso, por vezes, as mesmas juventudes que ocupam os espaços convencionais de atuação política estudantil (os diretórios acadêmicos e os diretórios centrais) também compõem as juventudes dos partidos políticos.

Diante de tudo que já foi exposto, acreditamos que os objetivos propostos pelo estudo foram alcançados. O estudo das formas de participação política das juventudes na contemporaneidade foi realizado a partir da investigação, análise e reflexão das juventudes que foram entrevistadas. A universidade, entendida como um espaço de prática e agitação política, tem sim despertado em alguns jovens o desejo de engajamento e prática. No entanto, problemas referentes a como mobilizar e articular essa juventude foram expostos nas falas dos entrevistados. Cabendo aos órgãos de representação estudantil, sobretudo os diretórios acadêmicos e os diretórios centrais dos estudantes, tentar diminuir essas lacunas e problemáticas expostas pelos jovens entrevistados.

Recebido em: 31 de março de 2018.

Aprovado em: 06 de junho de 2018.

Referências

BAQUERO, M. Construindo uma outra sociedade: o capital social na estruturação de uma cultura política participativa no Brasil. **Revista de Sociologia Política**, 2003, p. 83-108. 21.

BRASIL. Congresso. Senado. **Estatuto da Juventude**: atos internacionais e normas correlatas. Coordenação de edições técnicas, Brasília, 2013. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/509232/001032616.pdf?sequence=1> Acesso em 13/01/2017.

BOURDIEU, Pierre.; PASSERON, Jean-Claude. O tempo e o espaço no mundo estudantil. Tradução esperança L. de Franco Netto. In: Brito, S. de (org.) **Sociologia da Juventude**. Rio de Janeiro, Zahar, v.4, 1968, p. 61-86.

CARVALHO, Isabel Cristina. Ambientalismo e juventude: o sujeito ecológico e o horizonte da ação política contemporânea. In: NOVAES, Regina; VANUCHI; Paulo. (Org). **Juventude e Sociedade Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. São Paulo: Graphium Editora, 2011.

FORACCHI, Marialice. **A Juventude na Sociedade Moderna**. São Paulo: Pioneira, 1972.

GOHN, M. G. **Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais**. 6º edição – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LAVALLE, A. G. **Após a participação: nota introdutória**. Lua Nova, São Paulo, 84: 13-23, 2011.

LIPSET, Seymour M. Alternativas para as atividades estudantis. Tradução esperança L. de Franco Netto. In: Brito, S. de (org.). **Sociologia da Juventude**. Rio de Janeiro, Zahar, v. 4, 1968, p.47-59.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas**. Petrópolis: Vozes, 2001.

POERNER, Arthur José. **O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros**. Rio de Janeiro, Booklink, 2004.

PUTNAM, Robert. **Comunidade e Democracia. A Experiência da Itália Moderna**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

SILVA FILHO, S. O. S.; COSTA, J. B. A. Juventude e Participação: as novas formas de Atuação Política Juvenil. In: José Antônio Spinelli Lindoso; João Bosco Araújo da Costa; Angelo Giroto Neto. (Org.). **Democracia e política: leituras sociológicas**. 1ed. Natal: EDUFRN, 2016, v. 1, p. 83-106.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980. ◀